

Apresentação dos bandidos aviva ódio da população

Milhares de residentes nos bairros de Mavalane e Mahotas, em Maputo e alunos da escolas diversas sediadas na Matola, tiveram, sábado último, oportunidade de ver bandidos armados capturados pelas nossas Forças de Defesa e Segurança e ouvi-los contar atrocidades cometidas durante a sua carreira criminosa.

Em Mavalane, as crianças desimpenharam um papel de destaque, durante o encontro orientado pelo Secretário do Comité da Cidade para a Organização do Partido, Rodrigues Mondlane.

Elas, não só estiveram presentes em grande número e sempre na linha da frente dos acontecimentos, como foram as primeiras a colocar perguntas aos bandidos ali apresentados, manifestando desaprovação quando se tornava evidente que estes estavam a mentir, procurando esconder o seu envolvimento directo em crimes de que falavam com a máxima tranquilidade.

O encontro, ali, teve início cerca das 15 horas de sábado, tendo Rodrigues Mondlane falado da necessidade de, em cada bairro e zona de residência se agudizar a vigilância, de forma a impedir, totalmente, a mínima possibilidade de infiltração inimiga no nosso seio. Ele lembrou que os bandidos armados, apesar dos seus actos selvagens e comportamento animalístico, são afinal nossos familiares: parentes ou conhecidos. Essa não deve ser razão para os abrigarmos, exactamente porque eles já provaram que estão contra qualquer um e todos de nós — acrescentou ele.

Em Mavalane, também falou Fernando Naisse Mavua, um dos poucos sobreviventes do ataque a um machimbombo da Romos, realizado em 20 de Janeiro último, perto de Cumbane, na Província de Inhambane.

Fernando Mavua é um dos elementos do grupo de Makwayela dos TPII e a sua história, embora já conhecida,

é um verdadeiro documento do comportamento brutal dos bandidos armados.

— Era uma verdadeira chuva de balas — assim se expressou ele, referindo as descargas cerradas de armas automáticas que primeiro caíram sobre o autocarro e depois sobre os passageiros que tentaram escapar do machimbombo ao qual os criminosos tinham atado fogo.

Aos poucos sobreviventes que hoje conseguem contar estes episódios foram-no porque aos bandidos acabaram as munições, o que deu tempo a fugirem para o mato e procurarem depois protecção junto das nossas forças armadas.

QUANDO TIVERMOS A TERRA JÁ NÃO VAMOS MATAR

— Queremos o capitalismo e por isso agora matamos toda a gente, para ganharmos. Quando tivermos a terra, então já não vamos matar — assim manifestou José Manjala a «ideologia» dos bandidos armados, respondendo a uma pergunta de um popular, durante o encontro de Mavalane. A multidão ali presente agitou-se perante esta atitude totalmente falha de escrúpulos e que revela bem a distorção mental destes bandoleiros.

Ele tinha contado já toda uma trajectória de crimes que tiveram início na Província de Sofala e terminaram em Inhambane, onde foi capturado pelas FPLM.

— Como é que fazem para sobreviver no mato — perguntou outra voz.

— Nós roubamos tudo o que po-

demos, por onde passamos. Comida, roupa, tudo — respondeu o bandido, que acrescentou: também queimamos machimbombos, combolos, escolas e hospitais.

Um grupo de crianças, em coro, perguntou-lhe depois quantas pessoas tinha ele assassinado?

Nunca matei — respondeu o criminoso mas, depois, quando principalmente as crianças manifestaram em alto som o seu desagrado pela maneira evidente, não deixou de dizer: O meu grupo é que matava todas as pessoas que encontrava e roubava tudo da população.

Roubar, pilhar, matar, bater, são palavras que eles utilizam quando se «explicam» à população. Este é também o caso de Aurélio Benze que falou de uma longa história de grandes caminhadas, durante as quais se apoderaram de tudo o que apanhavam. Um dia — contou — encontramos uma casa, perto do Chókwé, onde estava uma velha. Como ela não quisesse dar-nos comida, o nosso chefe deu-lhe pontapés e disse «malandra» porque nós demos a escolher: ou comida ou morte.

Também este bandido teve que ser retirado, depois destes comentários, porque os populares manifestaram ruidosamente e uma vez mais o seu repúdio. Foi então a vez de um garoto na idade, mas velho na carreira criminosa. Tratava-se de José Matusseane, de 17 anos de idade, natural da



Crianças do Bairro de Mavalane, foram interlocutoras directas dos bandidos ali apresentados

Moamba, Província de Maputo.

Ele, mais do que os outros dois bandidos mostrava bem no rosto o medo de que estava apoderado por ter que enfrentar, cara a cara, uma população agora já não indefesa e impotente perante os crimes que se habituou a cometer.

Roubávamos tudo o que podíamos, principalmente galinhas. Também matámos um homem e uma mulher perto de Ressano Garcia. Incendiámos um carro, também naquela zona — contou ele.

E quando um elemento da população lhe perguntou porque razão fazem isso afirmou:

Os nossos chefes dizem-nos que já não vamos vencer agora, e que por isso devemos destruir tudo, quemar tudo, matar todos.

Foi nessa altura que um primeiro cidadão saltou para o estrado e começou a bater naquela e nos outros dois bandidos, imediatamente imitado por outros populares que só com muito custo das Forças de Defesa e Segurança puderam ser sustidos.

Depois, sempre rodeados de uma multidão que se mostrava cada vez mais exaltada, os bandidos armados foram dificilmente escoltados até às viaturas que os reconduziram à cadeia, tendo o encontro terminado com um novo apelo de Rodrigues Mondlane, ao reforço da vigilância popular.



Os três criminosos apresentados em Mavalane. Olhos postos no chão, mostram agora um medo que decerto não sentiram quando assassinaram cidadãos indefesos